

# CAPITAL GANHA NOVA IDENTIDADE

**BRASILMAR FERREIRA NUNES**

A capital do Brasil completa 44 anos. De fato foram anos plenos de acontecimentos políticos em que, na relação da cidade com o restante do país, alternaram-se momentos de amor e ódio. Por um lado, o regime militar que se instala quando a cidade tinha apenas quatro anos e permanece por um período de vinte anos; de outro, a democratização do país. No primeiro momento, a cidade era vista como algo distante da nação, povoada por uma camada de tecnocratas que ditavam regras para o país, obedecendo a ordens da cúpula militar. Neste segundo, a até então fria e vazia Esplanada dos Ministérios passa a ser palco de manifestações agregando o conjunto da nação; a sensação é de que a cidade foi ocupada pelas vontades nacionais. Tanto no passado como no presente permanece o fascínio que ela exerce sobre os brasileiros. Uma cidade mito que pela sua condição de sede do poder obscurece toda a vida social que aqui se gestou e está a se reproduzir. Mas quais seriam as características da sociedade local?

É oportuno deixar claro que não se funda uma cidade: ela é um fenômeno em permanente mutação que detém, inclusive, um grau de autonomia que faz da imprevisibilidade a sua marca registrada. Brasília, apesar de desenhada na prancheta, foi pouco a pouco se descolando dessa origem, trazendo à tona uma realidade social complexa e heterogênea como, de resto, é a sociedade brasileira. É a heterogeneidade que dá a Brasília esse aspecto fragmentado. De um lado, o Plano Piloto, e de outro as satélites, ambos povoados por brasileiros atraídos por um projeto incorporado no imaginário nacional. Tanto os que para aqui vêm para compor a burocracia do Estado como os que chegam por razões outras, estão participando de um ato fundador e, através dele, da consolidação da nação. Migrantes não são aventureiros. Aventureiros não estão inseridos na lógica social, migrantes sim.

A chegada do novo morador à cidade força-o a uma adaptação às regras locais. Em Brasília, a condição primeira para se inserir na cidade é a garantia de acesso à moeda. O mercado de trabalho, o setor público empregador, é quem vai garantir essa condição. Trata-se de uma cidade que nasce moderna até nas relações sociais que aqui vão se implantar. Talvez esteja aí o fascínio que a cidade oferece para migrantes das áreas circunvizinhas. Há uma expectativa de mobilidade ascendente. O elevado custo de vida, que aparece como uma das características da cidade, pode ser explicado por isso. O trabalho aqui é à dominante formal, e isto significa que circula moeda como em sociedades onde isso é fato corriqueiro. Mesmo as funções menos qualificadas aqui são, em grande medida, tratadas com o respeito que a lei impõe à relação empregador e empregado.

O ser humano tem tendências a criar raízes. É se fixando no lugar, garantindo um mínimo de estabilidade, que as relações sociais vão se consolidando, estabelecendo vínculos, construindo redes, ou seja, formando a sua identidade. Por isso a história ainda recente de Brasília pode ser lida como a consolidação das identidades de seus moradores. Neste sentido, as biografias individuais dos que por aqui optaram formam um conjunto essencial para a compreensão da lógica da cidade.

**BRASILMAR FERREIRA NUNES É PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA E AUTOR DO LIVRO BRASÍLIA: A FANTASIA CORPORIFICADA**